

Imigração em tempos de crise internacional: nova percepção sobre o brasileiro no exterior

Immigration in Times of Economic Crisis: the new perception about Brazilians abroad

Luis Fernando Beneduzi
Pós-Doutor em História
(Università degli Studi di Torino)
luis.beneduzi@unive.it

Recebido para publicação em junho de 2012.
Aprovado para publicação em agosto de 2012.

Resumo: O início do século XXI está sendo caracterizado por uma forte mudança no panorama internacional. Nesse contexto, o Brasil e o seu crescimento econômico têm chamado a atenção dos países europeus e de seus habitantes, convertendo-o, mais uma vez, no retrato da terra de oportunidades. O objetivo do presente artigo é pensar em que medida essa situação tem influenciado a percepção sobre os brasileiros no exterior e sobre o modo como eles enxergam o país. Novas imagens sobre o Brasil estão nascendo, embora velhos estereótipos ainda persistam, mas é forte a ideia – pensando na comunidade brasileira – de que estão culturalmente mais preparados para lidar com a diferença e com as dinâmicas de integração.

Palavras-chave: imigração brasileira; representação; imagem do Brasil; integração

Abstract: The beginning of the XXI century has been characterized by a strong change in the international panorama. In this context, the European countries and their citizens start to pay attention to the Brazilians economic growth, looking to him another time as the portrait of the opportunities land. The main idea of this article is to think about how this situation is influencing the perception about Brazilians abroad and about their representation about the country. New images about Brazil are rising, even if old stereotypes continues exist, but the idea that Brazilian communities are better prepared to work with the differences and with integration dynamics is strong.

Keywords: Brazilian Immigration; Representation; Images of Brazil; Integration

Introdução

Nos últimos anos, a importância do Brasil tem aumentado, em nível mundial, tanto como efeito das mudanças em sua política exterior quanto como resultado do importante crescimento econômico experimentado na primeira década do século XXI. Por um lado, a ação da diplomacia brasileira nos diferentes fóruns internacionais – com a qual a crise vivida pelo mundo industrializado, desde 2008, muito tem contribuído – colocou o país no centro das políticas de *governance* mundial, com um papel importante em encontros multilaterais como o G20, que caracteriza uma perda de poder por parte dos integrantes do G8, sendo aquele uma ampliação, dada a necessidade de trazer para a discussão economias mais dinâmicas que possam contribuir para a solução da crise. Por outro, o crescimento da economia brasileira na primeira década do novo milênio, com uma ponta de 7,5% no ano de 2010ⁱ, somado às notícias da política social e redistributiva mediante programas de governo como o “Bolsa Família”, que produziram uma nova recepção/percepção do Estado no assim chamado mundo industrializado.

Sem negar a persistência de desigualdades históricas e as muitas

conquistas ainda ansiadas por vários setores sociais no país, cabe chamar a atenção para o fato de que as ações de combate à pobreza e os pactos de desenvolvimento têm sido bem avaliados internacionalmente. Em jornais importantes em nível mundial, como o “Financial Times”, mesmo destacando a existência de problemas estruturais – infraestrutura e criminalidade –, é apresentada uma imagem do país do presente: *the time has come*. Em uma reportagem especial publicada no dia 29 de junho de 2010, o jornal ressalta os elementos econômicos contemporâneos que mostram uma nova imagem do país, muito diferente daquela da década anterior, com crescimento econômico, distribuição de renda e redução do débito externo:

What is the new Brazil? Partly it is a story about economics: 10m more people became middle class between 2004 and 2008; the economy could grow by as much as 8 per cent this year; and the country’s foreign currency reserves stood at \$235bn in February this year. And, in a particularly dramatic coup de théâtre that demonstrates just how far the country has come from the debt default days of 2001, Brazil recently lent \$14bn to the International Monetary Fundⁱⁱ.

Certamente, na construção dessa imagem observa-se a forte participação do presidente brasileiro, como o descreve o “Financial Times” – *the popular President* – que contribui com seu otimismo para a elaboração de uma imagem triunfante do Brasil. No entanto, não é apenas de discurso otimista que se utiliza o presidente para colaborar com o forjamento de uma nova representação sobre o Brasil em nível internacional; ele também lança mão de uma forte estratégia presente desde os primeiros anos de seu mandato, como comenta Valerio Castronovo, apresentando-se com sucesso em dois espaços estranhos entre si, como aquele do Fórum Social Mundial e do encontro de Davos:

A metà settembre del 2003 Lula era stato acclamato da una folla di no-global accorsa a Porto Alegre per la terza edizione del Social Forum e, pochi giorni dopo, era stato applaudito dai grandi del pianeta riunitisi a Davos in occasione del World Economic Forum, massima assise della globalizzazione neoliberistaⁱⁱⁱ

Na esteira desses acontecimentos e dentro desta conjuntura mais favorável para o país, os imigrantes provenientes do Brasil vivem um momento particularmente positivo, pois são associados a esse Estado emergente,

membro do BRICS (acrônimo em inglês para Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Sobretudo nesta nova situação de crise^{iv}, agora vinculada ao débito público e não aos grandes bancos, a economia e a sua terminologia estão na moda, portanto, as imagens de um país com grande crescimento do PIB, com baixa taxa de desemprego, acabam enchendo os olhos daqueles que estão vivendo um quadro de recessão e aumento do desemprego, como é o caso específico da Zona Euro e da União Europeia com seus 27 países.

Mesmo ainda sendo o país da alegria, do futebol, do samba e das mulheres, o gigante sul-americano também se tornou o país das oportunidades: a velha terra da *cuccagna* que os imigrantes buscavam, no final do século XIX, vive um processo de renovação. Essa nova situação produz um novo olhar no que se refere ao imigrante brasileiro, um contato novo que busca conhecer mais esse lugar de oportunidades, que questiona não os motivos da chegada (por que vieste para cá?), mas da saída (por que saíste de lá?). A inversão da pergunta é sintomática, porque reforça um novo tipo de encantamento para com o Brasil, marcado por novas questões.

Também a Itália, que possui uma relação histórica com o Brasil, está experimentando essa nova imagem sobre o país: a terra do crescimento e das oportunidades. Nos meios de comunicação italianos, observa-se uma grande ênfase nas potencialidades e na dinamicidade da economia brasileira, constantemente associada ao desenvolvimento das economias asiáticas da China e da Índia. Por um lado, fala-se nas *commodities* e na riqueza natural, por outro, destaca-se a expansão da classe média e, ainda, o alto crescimento no que tange aos novos ricos. Mais uma vez ressalta-se que, independentemente dos problemas internos que o país possa estar enfrentando ou das questões sociais por resolver, o que chama a atenção nas informações veiculadas na Itália é o conceito de “terra da pujança”.

Um importante jornal econômico italiano “Il sole 24 ore” tem dedicado, nos últimos anos, uma grande quantidade de reportagens sobre a expansão da economia brasileira e sobre as questões de política econômica que envolvem o país. Recentemente, em matéria publicada no dia 16 de janeiro de 2012, O Quotidiano destaca o gigante sul-americano como lugar de oportunidades para uma imigração qualificada; aliás, essa é uma

temática que tem sido afrontada há alguns anos, sendo analisada e apresentada em diferentes perspectivas. Neste número específico, do início do corrente ano, o jornal associa o presente e o passado das dinâmicas imigratórias, começando a reportagem com o fragmento de uma canção de imigrantes vênnetos, de 1896, que enaltecia a partida para o Brasil: lugar onde se vive muito bem e o qual vamos povoar^v.

A matéria sobre a economia brasileira destaca duas questões relevantes para entender como o país é um lugar de oportunidades, fala sobre a baixa taxa de desemprego – entorno a 6% – e dos eventos esportivos de 2014 e 2016. Nesse sentido, e levando em consideração uma política interna brasileira de atração de mão de obra qualificada, o artigo comenta que se está vivendo uma nova estação de fuga para *fare l'America*, com um aumento de 52,4% na entrada de estrangeiros no país. Segundo “Il sole 24 ore”, existe um projeto específico do Estado para atrair imigrantes com alta qualificação, sobretudo aqueles provenientes do continente europeu:

sta infatti rivedendo la sua politica sull'immigrazione in modo da favorire l'ingresso di 400.000 professionisti altamente qualificati nelle imprese brasiliane. [...]

L'obiettivo è quello di incentivare la fuga dei cervelli europei verso il Paese. Il flusso migratorio è in costante aumento^{vi}.

Ao mesmo tempo, percebe-se o crescimento da chamada imigração de retorno, ou seja, brasileiros que nas décadas ou nos anos anteriores decidiram viver fora do Brasil, agora tomam o caminho inverso, voltado para “casa”. A “Folha de São Paulo”^v; fala, inclusive, em uma “síndrome do regresso”: um processo nostálgico e depressivo que afeta os brasileiros que retornam. Os números são contundentes, pois fazem referência a 20% de retornados dos Estados Unidos e 15% do Japão, no ano de 2008, segundo o Itamaraty^{vii}. Os dados fornecidos pelo Censo 2010 informam que houve, em uma década, um aumento de 87% na entrada de estrangeiros no Brasil, de 143.644 imigrantes, ano 2000, passou-se a 268.486. Desse universo, 65% estava retornando ao Brasil, ou seja, eram brasileiros que “voltavam para casa”, perfazendo 174.597 (em 2000, 87.886)^{viii}. Assim, tem-se que na última década houve um incremento de aproximadamente 98,6% na entrada de pessoas nascidas no Brasil, que – tendo vivido no exterior – retornavam.

Se em junho de 2010 o presidente Lula assinou o Decreto nº 7.214 (15 de

junho de 2010) que instituiu a Conferência dos Brasileiros no Mundo (CBM) e criou o Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior (CRBE), no mesmo ano foi criada uma cartilha para aqueles que decidissem voltar para o país da emigração, o Brasil. Observa-se como os dois movimentos assumem uma grande relevância nas políticas públicas, pois refletem, no tipo de relação com os seus cidadãos, uma imagem da nação no contexto internacional. Um importante parceiro internacional e uma economia com grande dinamicidade, representações que o Brasil quer construir sobre si, tem que “cuidar” de seus cidadãos fora das fronteiras nacionais e conduzir um processo bem-sucedido de retorno. A rigor, nos últimos anos, vê-se uma efervescência de decretos, portarias e programas que buscam dar apoio aos brasileiros emigrados: Consulados Itinerantes, Cartilha de Orientação Jurídica aos Brasileiros no Exterior, Programa de Apoio à Mulher Brasileira Imigrante no Líbano, para citar alguns.

Como se pode perceber, a problemática do retorno, tanto no que se refere ao aumento quantitativo quanto no que tange ao processo de reintegração, constitui-se em um fenômeno tão relevante ao ponto de fazer com que o

Ministério das Relações Exteriores crie o “Guia de Retorno ao Brasil”. Essa cartilha procura dar informações sobre a possibilidade de assistência em diferentes esferas da vida social, desde programas de microcrédito e acesso ao mercado de trabalho, até aqueles de assistência social e educação, tentando oferecer meios para uma volta plena:

O Guia de Retorno ao Brasil, elaborado em conjunto pelos órgãos federais brasileiros que se ocupam mais de perto do combate à violência sob todas as formas, tem o objetivo de capacitar agentes consulares brasileiros, funcionários de organizações de acolhimento estrangeiras e voluntários em geral, para que possam orientar os brasileiros retornados a fazerem uso dos muitos programas e serviços que existem à sua disposição no Brasil, nas esferas de saúde, educação, trabalho, moradia e outros. Queremos com isso que o retorno ao Brasil daqueles nossos nacionais que mais precisam de apoio seja, não o fim de um sonho, mas o recomeço de suas vidas.^{ix}

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é procurar compreender como está se forjando uma nova representação sobre o Brasil no exterior, a partir da fala de brasileiros que estão vivendo hoje fora do território nacional, tendo presente como *corpus* de investigação a situação experimentada no contexto italiano. Portanto, é parte da análise a maneira

como os próprios imigrantes estão percebendo a terra de partida e construindo novas imagens sobre ela e o modo como essas novas percepções sobre o Estado de proveniência está interferindo na experiência migratória. Ou seja, buscase perceber de que maneira essa fase positiva do Brasil no concerto nas nações traz implicações para as comunidades de brasileiros no exterior e como elas podem utilizar esse capital simbólico nas suas relações de sociabilidade, de estudo e de trabalho, na terra de acolhida.

Pode-se perceber, então, que essa representação positiva construída pelo imigrante sobre o Brasil é forjada em um entrecruzamento complexo de informações: dos jornais que decantam o crescimento econômico e social do país, das políticas públicas com relação aos brasileiros no exterior, da decadência do mercado de trabalho das sociedades industrializadas (terra de acolhida do imigrante). Considerando que as experiências passadas, ou melhor, a memória que delas permanece, são construídas no presente, com o olhar marcado pelas vivências do momento hodierno do sujeito^x, essas questões vão ser o ponto fundador da nova imagem sobre o Brasil. Soma-se a isso as considerações sobre o processo diaspórico

trazidas por Stuart Hall^{xi}, segundo as quais existe uma tendência nas comunidades de imigrantes a uma idealização da terra de partida, que se transforma em um lugar mágico e mnemônico que permanece na mente do imigrante: uma imagem concreta que retorna com mais força nos momentos de decadência do presente.

Além da questão demarcada do presente que constrói mnemonicamente o passado individual e coletivo, tem-se que considerar a indicação de Sonia Melo de Jesus, que – falando sobre as faxineiras brasileiras em Boston e a construção de um Brasil imaginado – destaca uma espécie de amnésia que marca a profunda mudança de deixar o ambiente familiar. Para a autora, essa nova condição tende a produzir no imigrante uma confusão de sentimentos e interpretações: entre o lembrar e o esquecer, traumas são apagados e as duas realidades – terra de acolhida e de partida – são alternada e contraditoriamente supervalorizadas^{xii}. Acrescenta-se a isso outro elemento: o fato de que o momento da entrevista será ímpar na vida do colaborador, pois ele se colocará o problema específico de pensar que representação, que imagens, está construindo acerca do Brasil. No ato de ter que pensar o que significa o Brasil para ele, quais são os sinais/sintomas de

brasilidade, o depoente é convidado a percorrer sua experiência buscando ideias-imagens que para si criam um sentido de identidade nacional. Sendo um quebra-cabeças montado no próprio ato da fala, com fragmentos passados individuais-coletivos, as representações irão ser colocadas em foco no decorrer da construção narrativa. Sendo o tempo descontínuo, lacunar e dialético, como afirma Maria Catarina Zanini^{xiii} – e construindo uma aparente continuidade estruturada através da sobreposição de tempos (social, pensado e vivido), a narrativa do entrevistado consiste no momento em que se efetua esse entrecruzamento de tempos.

O trabalho de pesquisa que originou a presente publicação é composto por onze entrevistas realizadas com brasileiros e brasileiras que vivem atualmente na cidade de Trento^{xiv}. O grupo de entrevistados foi se constituindo a partir de uma rede de relações já existente entre eles, considerando que todos vivem no alojamento dos estudantes da Universidade de Trento e frequentam a instituição. Dessa forma, através de um contato precedente com um dos estudantes-imigrantes, com o qual se travou conhecimento quando de uma atividade junto à Universidade de Trento,

marcou-se uma reunião com o grupo, para explicar o projeto de pesquisa, e organizou-se o cronograma das entrevistas, que foram realizadas entre fevereiro e junho de 2012. Para avisar sobre a reunião e convidar os interessados, utilizou-se outro tipo de *network*, essa virtual, a rede social “Facebook”: em uma comunidade chamada “tn_br” (acrônimo para Trento_Brasil) foi lançado o convite coletivo.

Efetivamente, esse conjunto de entrevistas apresenta uma série de condições especiais, considerando que todos são jovens universitários que convivem com a comunidade local, mas, também, entre eles mesmos, brasileiros, na própria estrutura do *campus*. A rigor, o que vai pesar fortemente nas entrevistas, mais do que condições diferenciadas na terra de chegada – obviamente não podem ser desconsideradas as experiências individuais – vão ser as relações e vivências na terra de partida: o lugar de onde o migrante partiu e o seu mundo antes da expatriação serão basilares para compreender as imagens por ele produzidas. Nesse sentido, ressalta-se a análise de Ana Cristina Braga Martes sobre as identificações dos imigrantes, as quais – segundo a autora – são associadas à classe social e às possibilidades de

inserção no espaço onde eles se estabelecem^{xv}.

Assim como os processos identitários são multiformes e construídos através de encaixes e pertencimentos diferenciados, o grupo de brasileiros residente no alojamento para estudantes da Universidade de Trento vai se constituir de um grupo homogêneo e heterogêneo ao mesmo tempo. Por um lado, o contato com a alteridade vai construir um campo linguístico-cultural de pertencimento, que fará com que eles se identifiquem enquanto brasileiros, como membros dessa coletividade. Por outro, nas entrevistas – a partir de seu olhar sobre a comunidade trentina, sobre o modo como os membros da comunidade brasileira se relacionam com os outros, vivendo a diferença –, as diferenças regionais e das histórias de vida vão acabar vindo à tona. Portanto, se é verdadeira a afirmação de Chiara Pagnotta de que as comunidades se plasman “na experiência migratória e nas condições que se desenvolvem no contexto de chegada”^{xvi}, é igualmente correto perceber que essa comunidade – constituída de indivíduos – trará consigo a complexidade das vivências anteriores ao processo de expatriação, que produzirá novas alteridades ao interno do “nós”.

É importante fazer uma breve consideração sobre o perfil socioeconômico dos imigrantes entrevistados, pois – como já foi dito anteriormente – esse grupo tem grandes especificidades que os distinguem de outros coletivos de imigrantes brasileiros. Como se pode observar, os entrevistados pertencem às camadas médias urbanas, com um bom nível de escolarização, visto que todos estão cursando o terceiro grau e, alguns, encontram-se seguindo programas de pós-graduação: mestrado e doutorado. Todos os colaboradores se dedicam exclusivamente ao estudo, porque recebem uma bolsa da província autônoma de Trento: alguns com financiamentos dirigidos aos descendentes de trentinos, outros como subsídio dado pela própria Universidade e outros, ainda, como parte de projetos de intercâmbio entre a Universidade de Trento e a instituição brasileira de proveniência.

Na realidade, esses jovens entrevistados, com idades entre 20 e 30 anos, são parte de uma migração privilegiada, ou seja, que não traz consigo a busca da sobrevivência, mas de um projeto de vida e de ascensão social; nesse sentido, a questão trabalho vai ser pouco tocada em suas falas, salvo naquela de um ítalo-brasileiro que não vem para Trento

para estudar, mas para dar entrada com seu processo de reconhecimento de cidadania. Obviamente, as trajetórias se diferenciam, os projetos não são os mesmos e sofrem alterações inclusive durante a própria experiência migratória: planos de mobilidade transitória transformam-se em objetivos de uma estada permanente e, vice-versa, imigrações permanentes são alteradas para temporárias. Sem dúvida, as dinâmicas inerentes às vivências individuais e o novo momento econômico vivido na terra de partida – ou as imagens que chegam e se produzem na terra de acolhida – são determinantes nas reorientações do projeto migratório. Um fato, porém, é comum, o grupo vai se percebendo como brasileiro, a partir de uma específica leitura de brasilidade, não obstante as diferenças, no contato com o(s) “outro(s)”.

Neste trabalho de recomposição de um certo mosaico sobre o Brasil – com a consciência de que estão sendo produzidos alguns fragmentos sobre a identidade brasileira e não um quadro fechado, inclusive porque os próprios processos identitários são dinâmicos, assim como a narrativa mnemônica –, vai-se seguir o relato específico de três colaboradores: Mateus, Cristina e Juliano^{xvii}. A escolha de privilegiar esses

três imigrantes leva em conta alguns fatores: a impossibilidade, no espaço de um artigo, de trazer a fala de todos os entrevistados, a riqueza de informações e observações contidas nas entrevistas escolhidas, a representatividade com relação às diversas experiências na terra de partida e às diferentes formas de aproximação à terra de acolhida.

A viagem tem início com uma pequena apresentação dos protagonistas, para que se possa conhecer brevemente o lugar da fala de cada um deles, conhecendo sua trajetória – desde o Brasil – até a cidade de Trento. Mateus é natural do Espírito Santo, tendo nascido e crescido no interior do estado, em uma cidade de colonização italiana. Antes de embarcar para a Itália, viveu alguns meses próximo à capital do estado, em Vila Velha, tendo chegado a Trento após um breve período na província de Caserta^{xviii}. Cristina, diferentemente, é natural da cidade de São Paulo, tendo vindo para Trento diretamente de sua cidade, fruindo de uma bolsa da província de Trento para os descendentes de trentinos que vivem fora do território italiano. Por fim, Juliano – natural da Bahia – teve uma experiência anterior de migração, realizando seus estudos universitários em Florianópolis. Nosso último protagonista, que se dedicou

ao estudo da imigração italiana em sua pesquisa de Mestrado, junto à Universidade Federal de Santa Catarina, chegou à Itália com sua esposa, a qual vinha com o mesmo tipo de bolsa de Cristina.

Os dois primeiros entrevistados são descendentes de italianos, mais especificamente de trentinos, portanto, voltam para a terra dos antepassados; embora Mateus encaminhe o reconhecimento da cidadania já na Itália e Cristina entre no país com a cidadania suíça. Pelo contrário, embora seja um grande interessado pela Itália e pela cultura italiana, Juliano não possui essa cidadania, sendo sua esposa a descendente de trentinos. No entanto, será ele que apresentará uma proximidade maior com a cultura local, segundo suas observações, pela convivência com os imigrantes italianos (trentinos) em Santa Catarina, especialmente como os parentes de sua esposa: para ele, Trento não deixa de ter muitas semelhanças com as cidades catarinenses de imigração trentina. Cristina e Mateus, embora descendentes, têm uma relação diferente com a terra de acolhida: para a primeira, foi uma realidade que se abriu quando soube, por um parente, da possibilidade de fruir de uma bolsa de estudos na Universidade de

Trento, para o segundo, constitui-se na consequência da descoberta da possibilidade de reconhecimento de sua cidadania italiana, considerando que seus antepassados são da província de Trento

Enquanto Cristina, que é proveniente de uma grande metrópole como São Paulo, parte de um segmento médio urbano com acesso a bens e serviços, vai estranhar e ressentir-se de uma falta de movimento urbano – abertura do comércio, quantidade e qualidade dos espaços de sociabilidade e cultura –, Mateus, proveniente de uma família mais modesta e de uma zona não cosmopolita, vai dar ênfase ao fechamento das pessoas em geral (mesmo que esse seja um tema recorrente em todas as entrevistas, visto como elemento chave na diferenciação entre “nós” e “eles”). Já Juliano enxerga Trento como a continuidade de seu processo migratório, como se a estada em Santa Catarina tivesse sido uma espécie de estágio preparatório para o seu deslocamento em direção à Europa. A sua vivência de migração interna no Brasil, lembrada inúmeras vezes durante a entrevista, constituir-se-á em sua experiência *mater* para pensar o deslocamento para a cidade de Trento. Como ele afirma, os catarinenses apresentam um respeito maior pelo espaço

do outro, diferentemente dos baianos que são muito mais abertos e “espaçosos”. Portanto, durante sua estada em Santa Catarina ele foi experimentando um processo de transformação (o seu primeiro estranhamento já havia acontecido) e preparação para viver uma realidade ainda mais fechada e, na sua visão, tímida.

Mesmo tendo vivido uma experiência anterior de migração – do interior do Espírito Santo para Vila Velha – Mateus não apresenta, como o faz Juliano, sua primeira migração como um momento de contraste cultural, apenas ressalta que essa foi o espaço-tempo do divertimento, do *carpe diem*. De modo diferente, marcadamente pela distância cultural que o entrevistado destaca em sua narrativa, a mudança de Salvador para Florianópolis representou para Juliano o grande momento de confronto e de busca de integração. Nesse sentido, ele tende a relativizar suas opiniões sobre o cotidiano em Trento, conciliando situações de conflito como parte de um processo de estranhamento entre sujeitos que pertencem a mundos diferentes. Aliás, ele entende que o seu processo de adaptação atual está sendo mais tranquilo e menos traumático, a diferença daquele vivido por outro brasileiro do alojamento,

passou, antes de sair do Brasil, pela Europa brasileira, ou seja, o sul do país.

Os relatos dos entrevistados, que estarão marcados pelas condições anteriores ao processo de imigração, acabam destacando algumas categorias centrais que estão presentes nas dinâmicas de integração deles e, também, nas formas como uma ideia de brasilidade vai sendo forjada. Poder-se-ia destacar três eixos de análise que nascem das entrevistas: a relação de estranhamento no contato com a alteridade – no caso, aqui, os trentinos; as imagens positivas do Brasil construídas na terra de acolhida, que contribuem para repensar a terra de partida; e a ideia de identidade brasileira vinculada a uma capacidade de intermediar e gerenciar conflitos interculturais. Certamente, esses três eixos se entrecruzam nas falas e nos próprios processos individuais e coletivos de interação com a comunidade nativa e com os compatriotas. No entanto, a alteridade vai ser o elemento chave, estando presente – como unidade de mensuração – em todas as análises e observações. Na terceira categoria, inclusive, esse outro se estende, pois a referência para comparação é constituída pelo conjunto dos grupos nacionais presentes no alojamento; ou seja, nas relações entre os estudantes estrangeiros e

locais, os brasileiros serão aqueles que, por suas características culturais, tenderão a construir pontes.

No que se refere à primeira categoria, o peso da alteridade e o reconhecimento de outra identidade, o caso de Mateus é exemplar, pois ele chega na Itália rodeado por uma mística da italianidade (ou da trentinidade) que ele mesmo construiu a partir do trabalho de reconstrução da história migratória de sua família, mas acaba redescobrimo uma certa brasilidade. Tem-se que ressaltar que a sua fala é recheada de contradições, porque se por um lado ele afirma com ênfase sua identidade brasileira, por outro, ele não deixa de comentar que – fora da Itália – se sente muito italiano. Certamente, pesa muito nessa visão o modo como ele mesmo se define: um sujeito com tracinho (italianização de hífen), um hifenizado, diasporizado.

Para ele, vai ser esse contato com o outro (que ele pensava ser o mesmo, visto que chega se percebendo como trentino) que vai iluminar um sentimento de pertença à cultura brasileira, o qual se encontrava adormecido quando no Brasil. Mesmo Juliano vai recordar que a percepção dele sobre sua esposa muda na Itália: se antes era ela, na visão do entrevistado, uma italiana, agora é nítido

que ela é uma brasileira. Por isso, Mateus aconselha que, para que se descubra essa brasilidade escondida, é necessário viver um tempo no reino do outro, confrontar-se com o diferente, com o estrangeiro:

Eu me sinto muito mais brasileiro aqui e criou-se, e reforçou muito a minha identidade aqui. Eu creio que se todo brasileiro pudesse fazer uma experiência, passar por uma experiência dessas no exterior, eu creio que assim, eh... sem dúvida, você se sente muito, muito mais brasileiro aqui, porque eu acho que a questão de identidade é quando você está fora do grupo, você tende a se identificar um pouco fora, a, a... Não sei se funciona como dinâmica, mas eu creio que sim, tendo hora você acaba se sentido, não sei^{xix}.

Essa relação de descoberta, na análise de Mateus, não é um processo apenas de mão única, ou seja, não acontece somente um dar-se conta unidirecional. Também esse outro, essa alteridade, vai solicitar a reflexão do imigrante, vai questionar – a partir de sinais que “desmarcaram” um pseudopertencimento à terra de acolhida: nas filigranas do cotidiano, mesmo sendo juridicamente cidadão, você vai ser indicado como forasteiro:

Porque você nunca vai ser um deles. Você nunca vai ser, por mais que você tenha a cidadania, por mais que você tenha o nome deles. Nunca. Porque talvez mesmo a

falada vai ficar um sotaque, então, vão notar, vão te perguntar...^{xx}

Enquanto Mateus está descobrindo esse processo de ser o outro, talvez de uma forma traumática, por se sentir parte daquela comunidade, Juliano já havia vivido essa experiência no seu primeiro deslocamento, para Florianópolis. Na verdade, naquela situação, ele encontrou um novo Brasil, não aquele de Salvador (afro-lusitano, como ele o chama), mas um “Brasil europeu”, como ele define Santa Catarina. Portanto, ele primeiro se enxergou baiano, no Brasil, e, depois, se percebeu brasileiro na Itália, em Trento. O que muito contribuiu para a elaboração dessa compreensão foi o modo como aconteceram as relações interpessoais, em uma dinâmica de proximidade e distância, respeito e invasão – o espaço do outro, os pudores:

No que tange à diferença da minha província, do meu estado, da Bahia, para estados de características italianas [...] o contato pessoal que é mais indireto, a impessoalidade, o nível de educação que é diferente. [...] Senti essa diferença no sentido, assim, do limite, que aqui ainda é mais, digamos, é mais estreito esse limite, esse confim é mais estreito, porque em Santa Catarina não eram como na Bahia que as pessoas atropelam e falam na frente, e tal, ri e brinca com o outro, faz piada. Já senti um baque que as pessoas não tinham muito contato e tal. Aqui, se

não fosse apresentado por alguém, não podia simplesmente chegar e beijar. Primeira vez tinha que apertar a mão, mesmo que fosse uma garota e tal. Então foram coisas que eu fui me adaptando^{xxi}.

Na verdade, o que Juliano está destacando é uma experiência de menor intimidade do contato, de maior impessoalidade, que ele vai perceber em um crescer desde a Bahia até Trento. A rigor, essa maneira de construir as relações vai estar presente, como ver-se-á mais adiante, em diferentes esferas da vida, como no espaço da Universidade, na relação entre professores e alunos, ou naquele das amizades. Enfim, na percepção deste entrevistado, mas também tema presente nas falas de todos os depoentes, o modo trentino (simpático, mas frio) será muito impactante e participará profundamente da criação de um vínculo identitário com o Brasil: mesmo os mais frios (para Juliano, os catarinenses), em Trento, transformam-se em quentes (em brasileiros).

Cristina, em sua fala, exemplifica essa problemática com uma experiência concreta da quotidianidade: a ida à padaria. Nesse sentido, o brasileiro seria caracterizado pela simpatia, pela descontração, pela informalidade: por

fazer com que vocês se sintam em casa, como se fossem velhos amigos:

O principal do brasileiro é o contato interpessoal, é cê chegar na padaria, pedir 100 gramas de queijo e o cara te dar uma fatia para experimentar. [...] cinco pãezinhos, ah branquinho ou moreno. Sabe, assim, o jeitinho, o jeito de lidar com as pessoas que eu acho que torna a nossa vida mais fácil^{xxii}.

Sentir-se familiar é tornar a vida mais fácil, sobretudo quando se está em um território estrangeiro, mas requer uma espécie de alegria de viver, aliás, outra característica brasileira, no confronto com os trentino. Vai ser Mateus a lembrar que não se identifica com o modo como os nativos enfrentam a vida, sem um “sorriso na cara”. Porque ele se enxerga, neste momento, no brasileiro que sorri sempre, característica imagética atribuída e autoidentificação:

Culturalmente falando, eu não me identifico. [...] o modo de enfrentar a vida, modo de enfrentar as coisas, a situação, o sorriso na cara que aqui falta. Então, assim, eles enfrentam a vida de um modo que eu acho que não é o meu modo de enfrentar a vida^{xxiii}.

Esse tipo de relação mais formal e distanciada vai ser experimentado em diferentes âmbitos do quotidiano; no entanto, aquele mais marcado será o espaço da Universidade, ou melhor, a

relação que se estabelece no intramuros da instituição, tanto no que se refere às interações professores-alunos quanto no que se relaciona àquelas alunos-alunos. Juliano relata seu estranhamento diante de uma academia que ele percebe como fechada, com uma interação apenas formal entre professores e alunos, diferentemente de sua experiência na Universidade brasileira, especialmente na área de Ciências Humanas:

Eu acho que eu esperava um ambiente acadêmico mais aberto e não tive ainda essa facilidade. Ainda os professores têm uma certa resistência, tem muita barreira entre professor e aluno e tal. [em que sentido] muita... no Brasil, o professor convida... os professores de Ciências Humanas, de História, vão beber com os alunos no bar. Aqui é muito difícil^{xxiv}.

Sendo a Universidade parte do microcosmo social e não separada culturalmente das interações da comunidade na qual ela se insere, o que Juliano percebe como estranhamento naquele ambiente é um *continuum* com o modo impessoal das relações que ele observa no cotidiano comunitário: a relação entre professores e alunos não deixa de ser um reflexo das relações interpessoais que se estruturam no seio da própria sociedade trentina e italiana. A

essa ideia de distância, Cristina acrescenta outra, de hierarquia, que se combina muito bem com uma estrutura social marcada por contatos impessoais. Pensando em sua formação anterior no Brasil, pois trancou o curso que fazia na Universidade de São Paulo para estudar em Trento, ela destaca tanto uma diferença na relação entre docente e discente – o mestre como algo inatingível – quando no próprio processo de aprendizagem, caracterizado por excesso de acumulação de informações e escassez de reflexões:

Estranhamento com o modo de ensino, que é bem diferente. Talvez porque eu já tinha feito, já tava fazendo uma faculdade. Porque, assim, acabei trancando a faculdade no Brasil pra vir pra cá [...] E mesmo a relação que os estudantes têm com o professor aqui é bastante diferente. É uma relação hierárquica muito forte. O que eu vejo é o professor, é Deus no céu e o professor na terra. [os alunos] eles têm uma necessidade de ter tudo muito explicadinho, de te... não tem de ir atrás, ou de discutir ou de debater com o professor e tal. Foi uma coisa que no começo também me chocou um pouco assim^{xxv}.

Além do ambiente universitário, ao qual se voltará mais adiante, outro espaço no qual se denota essa diversidade entre Trento e Brasil – no caso mais específico as grandes cidades brasileiras – está relacionado ao mundo dos serviços e à

organização do espaço urbano. Enquanto retrato de uma sociedade marcada pela normatização dos relacionamentos – destacado pelos entrevistados como um impactante elemento diferenciador entre a terra de partida e aquela de chegada –, também o fluir das interações com a urbe e com os serviços nela contidos vão ser pautados por regras e convenções. Nesse sentido, enquadrar-se e habituar-se acaba se transformando em um processo árduo, porque se o fruto daquela “excessiva” organização é maravilhoso, em um primeiro momento, torna-se sufocante na continuidade da relação:

Eu como vim de São Paulo, de uma cidade muito grande, que me oferecia tudo qualquer hora do dia. Vir pra Trento foi... assim, no começo, foi até libertador, tipo, ai é verde, é cheirosa, é... mas com o tempo essa... a rigidez das regras, começa a ser opressiva. Por exemplo, eu lembro que eu levei um mês pra me habituar ao fato de que às 8 horas o supermercado fecha. Se você não comprou nada, você não comprou o seu jantar até às 8 horas da noite, vai ter que comer ou num bar ou uma pizza, ou... não tem supermercado. Não tem supermercado domingo, não tem supermercado segunda de manhã^{xxvi}.

Efetivamente, vai ser este contexto fechado e às vezes sufocante das relações que se estabelecem na terra de acolhida (mesmo que os entrevistados normalmente

relativizem suas frustrações justificando que a diferença é normal) o ponto de partida para rever as representações pessoais sobre o Brasil, e aqui adentra-se na categoria das imagens positivas construídas sobre a terra de partida. Invariavelmente, as narrativas destacam a vivência em Trento (entenda-se como viver fora do território nacional brasileiro) como detonadora de um processo de revalorização do Brasil, mesmo naqueles que não pretendem retornar ao país de origem. Como enumera Juliano, são diversos os âmbitos da vida relacional que foram revisitados por ele e as avaliações que foram refeitas:

Eu comecei a perceber muita coisa boa que nós temos lá, até na Universidade, no modo de ser das pessoas, o estilo de vida. Em tudo, assim, eu comecei a perceber que temos muitas qualidades e que não deixamos tanto a dever assim pelo, pelo, pelo welfare state europeu, digamos assim. Então eu comecei a valorizar mais isso^{xxvii}.

Nesse sentido, e para além das relações ao interno da comunidade, as imagens que vêm sendo produzidas sobre o Brasil em âmbito internacional, como destacado no início do artigo, vão colaborar grandemente para essa mudança de olhar. Se, quando deixou o Brasil, Juliano enfatiza que as informações eram

de pessoas que tinham vindo para a Itália “fazer dinheiro”, agora, pelo contrário, por causa da crise, o lugar idealizado como terra da abundância volta a ser o Brasil, como nos movimentos de finais do século XIX:

Tem uma série de pessoas que tão falando que querem ir pro Brasil, pra qualquer outro país, pra poder fazer dinheiro. Então, assim, a perspectiva agora é ficar aqui, mas sabendo que é muito mais fácil hoje pra mim no Brasil do que aqui hoje. Inclusive, pra ensinar a pesquisar tão fazendo várias Universidades Federais lá, então toda hora tem concurso^{xxviii}.

Mesmo tendo tomado a decisão de continuar em Trento, Juliano observa que a terra das oportunidades agora se encontra do outro lado do oceano, inclusive naquilo que ele percebe como objetivo de sua vida profissional, tornar-se um professor universitário. Essa percepção é compartilhada por Cristina, que acrescenta a isso a sua visão sobre uma mudança de percepção acerca do Brasil que está acontecendo no olhar do estrangeiro, que começa a enxergá-lo como um lugar “sério”:

Eu vejo, assim, eu vejo o Brasil como um país cheio de oportunidades. A gente... eu vejo que a imagem do Brasil tá mudando aqui fora. Vejo que, eh... as pessoas

tão começando a ver que o Brasil não é só carnaval, bunda e praia, mas que a gente tem que tomar muito cuidado^{xxix}.

No entanto, ela esclarece que a continuidade dessa imagem e, talvez sua ampliação, está vinculada ao sucesso de alguns eventos de nível mundial que vão acontecer no Brasil, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. No seu ponto de vista, a forma como essas manifestações esportivas serão organizadas pelo país vai pesar fortemente na sua imagem no exterior, seja positiva, seja negativa. E, justamente nesse ponto, Cristina observa uma situação bastante complexa para o país, pois disse que pôde enxergar, em uma viagem recente pelo Brasil, a precariedade da infraestrutura nacional para receber um grande número de visitantes. No seu entendimento existe uma carência não suprida no setor ferroviário e uma estrutura deficiente que gera um constante caos nos aeroportos nacionais. O seu medo é que essas duas questões não estejam sendo atacadas de modo efetivo e que isso possa gerar uma negativização da imagem do país: terra de oportunidades, mas de desorganização. Talvez seu grande medo seja a volta com força da representação que começa a atenuar-se sobre o país, lugar de carnaval, bunda e praia.

Mesmo Mateus, que chegou à Itália cheio de trentinidade, fala abertamente, hoje, sobre seu retorno ao Brasil, porque ali estão as oportunidades. Na verdade, ele não atribui à situação socioeconômica brasileira atual sua decisão de retorno. Mas diz que, sem dúvida, isso acabou justificando-a. Dessa forma, ele relê sua estada em Trento à luz de um comentário feito por um amigo de sua mãe: lugar para adquirir coisas boas para levar para o Brasil:

Eu hoje não quero ficar aqui, até porque, com a crise que tem, enfim, isso ajuda até na decisão, mas hoje eu já tinha pensado que eu não quero ficar aqui. Eu me lembro que uma vez um senhor, um amigo da minha mãe, não sei, me falou, tipo: vai, porém volta e traz alguma coisa de bom pro teu país, pega alguma coisa de bom lá fora e traz pro teu país^{xxx}.

A narrativa de Mateus é perpassada por uma espécie de ressentimento, não declarado, com relação à terra de chegada, pela passagem de um sentir-se trentino (ainda explicitado em muitas partes de sua fala) a uma ideia de “graças a Deus eu não nasci aqui”. Certamente, as experiências na terra dos antepassados vão ser cruciais para a explosão desse sentimento, sobretudo quando se pensa no tipo de exploração vivida no âmbito do trabalho. Ao mesmo tempo, ele se dá conta que

enquanto na terra de chegada a sua formação em Relações Internacionais não é um salvo-conduto para uma boa perspectiva de futuro, no contexto brasileiro, a ênfase que está dando nos processos de integração latino-americanos podem gerar oportunidades novas. Afinal, como o entrevistado diz, “lá eu tenho valor, aqui eu sou apenas mais um”^{xxxix}.

A dinâmica de revisitação da terra de partida, a partir de um olhar transformado e positivado pelas relações na terra da imigração e pelo novo contexto econômico no qual se encontra o país, produz uma reavaliação, também, do modo de ser brasileiro, mais pessoal, como dizia Juliano, mais folgado. Se essa leveza se constituía em um defeito, tendo como paradigma o *ethos* europeu, a falência daquele sistema (ou o seu declínio) acaba colocando em xeque todo o “European way of life”. Portanto, aquilo que era um defeito, transforma-se em uma característica positiva que, como será visto mais adiante, produz valor agregado:

Então, eu acho que esse nosso modo de ser, do bom humor; a gente é muito ligado ao bom humor, a gente é muito ligado à alegria. Então, eu acho que isso é uma coisa muito boa, não é, não é um defeito, nem só uma característica, é a nossa grande qualidade e eu ia curtir isso mais se eu voltasse hoje para o Brasil^{xxxix}.

Isso significa, ainda, positivar outros elementos que são universalmente identificados como parte de uma cultura brasileira, como a música por exemplo. De fato, descobrir-se brasileiro fora do Brasil, embora seja um olhar romântico inerente àquele que não vive mais aquela realidade quotidianamente, é recriar-se como parte de uma cultura e de uma identidade:

Se eu fosse voltar hoje, curtiria mais o samba, que eu acabei, eu nunca me liguei, que hoje é que eu ouço bastante. Então, a gente acaba tentando resgatar algumas coisas que ficaram do Brasil, que talvez a gente nem tenha vivido no Brasil^{xxxiii}.

Como afirma Cristina, mas também Mateus e Juliano, nada como uma experiência fora do Brasil para rever o conjunto do contexto nacional de uma maneira equilibrada, não negando as críticas, mas reconhecendo elementos positivos. E esse jeito brasileiro (não jeitinho) vai ser destacado por Cristina como um ponto de força do sistema de saúde do Brasil. Ela não fala do serviço em geral, mas da relação de proximidade que se estabelece entre o profissional da saúde e o paciente, um algo a mais no processo de tratamento. Associa-se a isso a ideia de uma continuidade do atendimento, uma espécie de medicina

preventiva que ela percebe com mais força no Brasil do que em Trento:

O sistema de saúde brasileiro, no que se refere ao contato que o médico tem com o paciente, muito mais próximo, diferente daquele trentino, que é muito formal e sem continuidade: você-vai quando está doente^{xxxiv}.

Como se pode observar na fala dos entrevistados, a grande marca da brasilidade se constitui em um tipo de relação com os outros e com a vida: a alegria, a simpatia, o “sorriso na casa”, a personalidade, a proximidade. Enfim, um modo leve e descontraído de ser que se contrapõe à formalidade e à distância das interações naquilo que eles entendem como cultura local. Por isso, ao brasileiro é atribuído outro valor, como destaca Juliano, aquele de mediador no espaço onde se encontra. Segundo ele, por ter mais facilidade em se relacionar com o outro, o brasileiro se transforma em um ponto de referência entre as diferentes culturas na terra de acolhida: ao menos pensando na situação do alojamento universitário de Trento:

O brasileiro tem uma facilidade de contato que muitas outras nacionalidades não têm. Então, geralmente, o brasileiro é aquele, todo mundo conhece aqui um brasileiro ou tem um amigo que é brasileiro, porque o brasileiro, ele é

meio que meio de campo entre as pessoas^{xxxv}.

O fato de ser uma espécie de “meio de campo” acaba se tornando uma vantagem relativa no ambiente imigratório, sobretudo no que se relaciona a um processo de integração. Juliano se deu conta disso e afirma que está jogando a seu favor, que está utilizando essa informalidade, esse romper as regras como uma arma para integrar-se. Se, em Florianópolis, ele tentou se despojar de sua baianidade para se tornar catarinense, agora ele quer se reapropriar dela – ao menos em parte – para criar um processo maior de interação com os nativos de Trento: continuar o processo de Santa Catarina o levaria ao mutismo, porque os escrúpulos do trentino são muito mais fortes:

Então, o que eu percebi do trentino é que, parecido com Santa Catarina, mas muito mais forte, é o respeito ao espaço do outro, da individualidade do outro. Então, eu comecei a perceber essa diferença, mas ao mesmo tempo eu comecei jogar aquilo ao meu favor... de tentar chegar nas pessoas, tentar conversar, ainda não consegui dizer que eu consegui fazer um amigo trentino, mas já tive contatos^{xxxvi}.

Mateus também corrobora com essa percepção de que o fato de ser brasileiro é um facilitador do processo de integração

na sociedade de acolhida, gerando simpatia e curiosidade: a sua própria experiência é um exemplo disso. Da mesma maneira, Cristina afirma que o brasileiro é um facilitador da inserção na sociedade onde se encontra, ele chama a atenção positivamente, é um ponto de atração e de socialização:

Tanto é que, mesmo assim, futebol, quando teve a copa aqui, tinha gente que vinha ver a gente torcer. Porque todo mundo assistindo quietinho... a gente, todo mundo, já bebendo cerveja, de camiseta, fazendo barulho, gritando, não sei o que... tinha gente que vinha olhar a gente torcer e era muito, era muito divertido^{xxxvii}.

Nas diferentes situações apresentadas, que se constituem em uma amostra de elementos que se tornaram recorrentes no processo de entrevistas, denota-se que a mudança na imagem do Brasil, em nível mundial, tem colaborado para uma transformação na representação do país no exterior, mas, também, na autoidentificação dos próprios brasileiros. Tem-se em conta que as dinâmicas migratórias são marcadas por um olhar nostálgico com relação à terra de partida; mesmo assim, o presente vivido pelos entrevistados, entre frustrações pessoais e estranhamento, está produzindo uma revalorização do Brasil e uma percepção

daquela terra como lugar de oportunidades. Da mesma maneira, o jeito brasileiro de ser, a sua leveza e alegria, muitas vezes tido como sinônimo de indolência, aqui é compreendido como um saber viver, que acaba sendo elemento de força no processo migratório, no âmbito da integração. Em um contexto de crise no horizonte das “economias industrializadas”, o Brasil retoma a sua imagem de terra da *cuccagna*, não única, porque velhas representações permanecem, mas uma nova e positiva que começa a direcionar o olhar de quem vê o país.

i http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1830&id_pagina=1 [Consultada no dia 07 de julho de 2012]

ii GREENHALGH, Hugo. Towards Greatness. Financial Times (The New Brazil), Londres, 29 de junho de 2010, p. 3. http://www.ft.com/intl/cms/c12d45d8-aecc-11df-8e45-00144feabdc0,dwp_uuid=1ab2a3bc-7d38-11df-8845-00144feabdc0.pdf [Consultada no dia 07 de julho de 2012]

iii CASTRONOVO, Valerio. Piazza e Caserme. I dilemmi dell'America Latina dal Novecento a oggi. Roma: Laterza, 2007, p. 299.

iv Este novo momento de crise, que tem como epicentro o contexto europeu, já se encontra em uma fase de contágio, produzindo recessão ou redução no ritmo de crescimento tanto nos Estados Unidos quanto nas economias emergentes. Diferentemente da situação de 2008, vinculada mais fortemente aos grandes bancos de investimentos dos Estados Unidos, esta nova realidade é marcada pelo endividamento público e dificuldades de pagar os credores, por parte de alguns Estados europeus: Irlanda, Portugal, Grécia. Mais recentemente, tal conjuntura tem começado a tocar a economia de nações mais representativas, como a Espanha e a Itália, o que está gerando uma conjuntura de sempre maior instabilidade no contexto continental.

v Beneduzi, L. Il Brasile accoglie i cervelli in fuga. Pronta una legge per facilitare l'immigrazione selettiva. *Il sole 24 ore*, 16 de janeiro de 2012.

<http://www.ilsole24ore.com/art/notizie/2012-01-16/brasil-accoglie-cervelli-fuga-105908.shtml?uuid=Aa56oZeE> [Consultada no dia 07 de julho de 2012]

vi Ibidem.

vii

<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1055239-de-volta-ao-pais-brasileiros-sofrem-sindrome-do-regresso.shtml> [Consultada no dia 07 de julho de 2012]

viii

<http://br.reuters.com/article/topNews/idBRSPE83Q03M20120427> [Consultada no dia 07 de julho de 2012]

ix “Guia de Retorno ao Brasil” -

<http://www.portalconsular.mre.gov.br/avisos/guia-de-retorno-ao-brasil/> [Consultada no dia 07 de julho de 2012]

x RICOEUR, Paul. *La memoria, la storia, l'oblio*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003.

xi HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

xii JESUS, Sonia Melo de. Protagonistas de um Brasil imaginário: faxineiras brasileiras em Boston. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya. *Fronteiras Cruzadas – etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, (p. 99-114), p. 111.

xiii ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS*. Santa Maria: UFSM, 2006, p. 16.

xiv Trento é a capital de uma província homônima localizada no norte da Itália, na região denominada “Trentino Alto Adige”.

xv MARTES, Ana Cristina Braga. Raça e etnicidade – Opções e constrangimentos. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya. *Fronteiras Cruzadas – etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, (p. 73-98).

xvi PAGNOTTA, Chiara. *Attraversando lo stagno. Storie della migrazione ecuadoriana in Europa tra continuità e cambiamento (1997-2007)*. Roma: CISU, 2010, p. 179.

xvii Os nomes dos entrevistados são pseudônimos, utilizados para preservar a privacidade dos colaboradores.

xviii A província de Caserta está localizada no extremo sul da Campânia, região da República Italiana cuja capital é Nápoles.

-
- xix Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012. Todas as entrevistas apresentadas são parte do Arquivo Pessoal do Pesquisador. A partir do final de 2012, estarão também disponíveis no Áudio-Arquivo sobre as Migrações entre a Europa e a América Latina (AREIA), com sede na Universidade de Gênova, Departamento de História Moderna e Contemporânea.
- xx Idem.
- xxi Entrevista a Juliano, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxii Entrevista a Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxiii Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.
- xxiv Entrevista a Juliano, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxv Entrevista a Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxvi Idem.
- xxvii Entrevista a Juliano, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxviii Idem.
- xxix Entrevista a Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxx Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.
- xxxi Idem.
- xxxii Entrevista a Juliano, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxxiii Idem.
- xxxiv Entrevista a Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxxv Entrevista a Juliano, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- xxxvi Idem.
- xxxvii Entrevista a Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.